

*Estudos Linguísticos & Aplicados***ENSAIO PARA UMA PESQUISA ERGOLÓGICA:
EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA***Manoela Nascimento Souza**Ernani Cesar de Freitas*

RESUMO: Apresentamos como tema a fala de uma professora de filosofia de escola em tempos pandêmicos no Brasil. Delimitando a investigação em não buscar resolver a problemática da educação, o objetivo neste trabalho colocar em questão o testemunho da experiência em educação na pandemia. Na composição teórica utilizaremos John Dewey (1985) para fundamentar a defesa de que nada pode pré-determinar a atividade viva. Buscamos em Abdallah Nouroudine (2002), Josiane Boutet e Bernard Gardin (1998), Yves Schwartz (2014, 2011, 2010) e Philippe Zarifian (2015) a identificação do testemunho da linguagem *no* e *sobre* o trabalho e as *(re)normalizações* interpretadas na dimensão do *corpo-si* e da escola, durante a pandemia como uma manifestação de *ergoengajamento*. Como método dialético a pesquisa é aplicada, exploratória e descritiva, com procedimentos técnicos bibliográficos, documentais e abordagem qualitativa. O corpus corresponde ao testemunho por onde analisaremos e concluímos previamente que a experiência educacional e seu movimento vivo tem papel fundamental nas transformações sociais, como alertou Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (2002), e, que as *renormalizações* aplicadas na luta pelo não abandono da educação nesse momento histórico entendidos como uma cooperação em ação laboral e científica.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; Educação; Ergoengajamento; Experiência; Pandemia.

“A matéria em estudo nada mais é do que alimento espiritual. E, como alimento, não se dirige a si mesmo, nem por si mesmo se transforma em ossos, músculos e sangue”
DEWEY, 1985

Introdução

Nesse breve ensaio para uma pesquisa ergológica temos como tema pôr em lugar de fala uma professora de filosofia de uma escola brasileira, Glória, especificamente no interior do Rio Grande do Sul, que como docente atua em sala de aula durante o período pandêmico da Covid-19. Atualmente, no Brasil discute-se muito sobre o papel da escola, “os pais não têm com quem deixar os filhos”, “os pais não querem ter que cuidar dos filhos”, “a ciência não tem valor”, “o vírus não existe”, “é só uma gripe”. A problematização neste estudo ocorre pelos questionamentos: qual a importância do *ergoengajamento*¹ na experiência

¹ *Ergoengajamento*, é uma forma de engajamento coletivo caracterizado pelo movimento das normas, atividades e relações laborais.

educacional no mundo contemporâneo no atual contexto da Covid-19? O que aconteceu com a população maximamente distanciada da ciência e da educação nesse período?

Sabemos que a educação não é prioridade nos investimentos do Brasil, porém foi a partir dela que chegamos à produção de uma vacina e de um acolhimento à saúde física e mental de boa parte da população, e assim justifica-se aqui a problemática e o motivo da pesquisa. É preciso colocar em evidência o papel fundamental da atividade educacional para a vida da comunidade humana e para as pesquisas científicas. Delimitamos a presente investigação em não ousar resolver sozinho a questão da educação no Brasil, tendo como objetivo maior propor um debate sobre a manifestação do ergoengajamento dos educadores a partir da fala de uma professora de filosofia sobre sua experiência em educação durante a pandemia. Essa proposta de discussão tem foco na percepção do professor que experiência a educação como atividade laboral de fundamental importância para a vida humana, ainda mais em tempos pandêmicos. Assim, inevitavelmente, chegamos na atividade dos professores em instruir e construir conhecimento junto aos alunos, dando espaço de acolhimento e reflexão sobre o período histórico em que presenciamos.

No entanto, é impossível não pensar que é também através da prática linguageira que podemos entender a organização social em tempos de crise histórica. Para entendermos melhor essa complexa faculdade humana, utilizaremos brevemente os apontamentos de Johann Gottlieb Fichte (1795). O filósofo, no emergir dos belos ideias da Revolução Francesa (1789-1799) define a linguagem como um impulso intrínseco de expressão de nossos pensamentos e relações com o mundo subjetivo e objetivo. Através dessa necessidade subjetiva de exteriorizar para compreender e se fazer compreendido, atingimos a dimensão da intersubjetividade.

Isso significa que quando um pensamento é exteriorizado ele se coloca em relação a todos os existentes em sua volta. Essa linguagem tensionada ao complexo exterior, quando compreendida por outras subjetividades, passa a ser considerada signo visto que se refere à organização social que se move através destas compreensões. Jean-Jacques Rousseau (1750, 1762) já fazia tais considerações sobre as relações sociais como contrato social e a experiência de questionamento como um papel imanente das ciências e das artes. Entretanto, nossa intenção aqui não é buscar a origem da linguagem em organização laboral, mas sim situar nossa inspiração investigativa.

Como fundamentação teórica e levantamento de questões iniciaremos com a referência de Abdallah Nourouline (2002), o qual localiza a prática na linguagem *sobre*² e *no*³ trabalho. Então para o desenvolvimento de uma pesquisa com método dialético sobre a reconstrução das relações no ambiente escolar e as reformulações das práticas antecedentes, utilizando de Yves Schwartz (2011), pelos conceitos *renormalização*⁴ e *renormatização*⁵. Como alerta Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (2002), atividade linguageira em movimento, assim como a atividade laboral educativa, estão presentes e tem papel fundamental nas transformações sociais. Sobre essas renormalizações e renormatizações também poderemos citar o *corpo si*⁶ apresentado por Schwartz (2014, 2011, 2010), porque o uso de si por outros na luta pelo não abandono da escola nesse momento histórico desenvolvido pelo uso de si por si nas renormalizações da professora e renormatizações da escola apresentam uma manifestação de *ergoengajamento* e bravura dos professores. Da mesma forma, poderemos entender todo esse processo como meios de reconstruir nossas experiências no mundo e desenvolver o processo de conhecimento na pedagogia escolar em movimento, afinal, nada existe fora da relação, a vida não é pré-determinada, assim como a atividade laboral e a experiência. A respeito desse movimento entre experiência e educação usaremos como base as considerações de John Dewey em: *Experiência e Natureza* (1985a) e *Vida e educação* (1985b).

Como método dialético, essa pesquisa também é aplicada, ou seja, propõe um debate científico, exploratória e descritiva, com procedimentos técnicos, bibliográficos, documentais e abordagem qualitativa. O corpus corresponde à entrevista com a professora em formato escrito e online via *Facebook*. Assim, através do testemunho da professora propomos abrir a questão do papel fundamental da educação no período pandêmico e incitar o processo reflexivo ergológico nas adaptações da atividade laboral educativa. Dessa maneira, a estrutura do ensaio segue da seguinte forma: *Nada pode pré-determinar a atividade viva*, nesse ponto apresentaremos a fundamentação teórica tendo como principal referência Dewey (1985a-1985b); *Metodologia: experiência e ergologia*, onde desenvolveremos os procedimentos metodológicos; *Experiência em análise*, no qual exercitaremos a análise do corpus; e conclusão em *Considerações finais*.

² Linguagem *sobre* o trabalho, é a linguagem que fala sobre a ação de trabalho.

³ Linguagem *no* trabalho, é a linguagem onde se desenrola a atividade laboral.

⁴ *Renormalização* é a atualização da atividade prescrita na ação subjetiva, na ação do *eu* laboral.

⁵ *Renormatização* é a reformulação das normas antecedentes.

⁶ *Corpo-si* refere-se ao *eu* laboral, sujeito em atividade laboral.

Nada pode pré-determinar a atividade viva

Fazer estudos ergológicos significa a investigação sobre a atividade humana em sua complexidade. Interessa os debates, nós, eles, e até poderíamos colocar aqui o pesquisador e sua intencionalidade, pois faz parte do processo científico. Assim, cada atividade, cada questão e caso laboral requerem grandes especificidades que compõem o cosmos como um todo. O fato é que, esses estudos não colocam em categorias as ações, as dramáticas, as relações, as intervenções, as mudanças. A ergologia estuda o microcosmo para entender a problemática do macrocosmo, e coloca todos os sujeitos envolvidos como agentes fundamentais para o caso estudado. As dramáticas não podem ser fatos investidos apenas nos protagonistas, é como em um júri, não se pode antes da pesquisa e investigação condenar os que antes pareciam culpados. O processo e defesa existe justamente no que chamamos de democracia, ou seja, dar voz a todos, e compreender quem é aquele *nós* que mencionamos, e quem são *eles*, é realmente observar todo o sistema já existente e pensar sobre ele. “Ergologia é a aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade: é o desconforto intelectual”. (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010, p. 30).

A linguagem é o que dá acesso ao verdadeiro objeto da pesquisa ergológica, pensemos sobre o impulso que nos condiciona à construção desse universo significante e relacional. Fichte (1795) deteve-se na consideração da necessidade da linguagem entre os seres humanos como parte expressiva da condição humana. Compreendemos essa indagação, pois os seres sociais utilizam da razão, considerada faculdade que trabalha para unificar, e do entendimento, faculdade que separa para explicar, como um impulso formador e relacional proveniente das experiências em vida⁷.

Através do vínculo com os homens, é, pois, despertada em nós a ideia de anunciar (*andenten*) nossos pensamentos uns para os outros através de signos arbitrários – numa palavra: *a ideia da linguagem*. Por isso, no impulso, fundado na natureza do homem, de encontrar conformidade à razão fora de si, faz o particular *impulso de realizar uma linguagem*, e a necessidade de satisfazê-lo sobrevém quando seres racionais entram em ação recíproca uns com os outros (FICHTE, 2017, p. 20, grifo do autor).

É claro que não nos deteremos em pensar no desenvolvimento inicial da linguagem entre os seres humanos, apenas levar em consideração que esse grande objeto de pesquisa ergológica tem fundamento importante para entender as relações humanas. A necessidade de exteriorizar e entender o mundo impulsiona a criação e o movimento linguageiro. A

⁷ Compreendendo essas faculdades no contexto da filosofia moderna que procurou dar *espírito* à letra kantiana. Isso significa dar uma visão de totalidade para todas as ramificações do conhecimento determinadas por Immanuel Kant (1787); ver mais em: Introdução da crítica da razão pura (2012).

linguagem em ambiente laboral é composta por signos que reciprocamente acionam um contrato social que em movimento é por nós estudado. Esse contrato social em ambiente laboral, reportando à obra de Rousseau (1712-1778) *Do contrato social* (1750), existem cláusulas que “ainda que jamais tivessem sido enunciadas formalmente, são as mesmas por toda parte, e, por toda parte, são tacitamente admitidas e reconhecidas”. (ROUSSEAU, 2013, p. 27). Julgando os tempos anteriores da obra referida, mesmo atualmente, podemos considerar esses signos reconhecidos mutuamente em ambientes laborais. Nesse caso, interessa estudar a linguagem como impulso vivo da atividade educacional.

Para entender melhor essas categorias relacionais existentes no universo podemos pensar a escola de ensino fundamental e médio como um microcosmo, uma mini comunidade que reflete as ações da sociedade que habita, nesse caso, do seu macrocosmo. Como um laboratório de ação social, aspiremos os *laboratórios de linguagem* de Josicane Boutet e Bernard Gardin (1998, p. 111): “*laboratoires du langage*”, em que a atividade educacional em toda a sua complexidade e pluralidade parece fundamentalmente necessária para a vida em sociedade por refletir as relações sociais e por trabalhar o estímulo dos impulsos da experiência viva em sociedade. “O fato de viver é forçosamente algo que diz respeito a uma atividade, uma tentativa de esboçar, de desenhar um meio de vida no trabalho que esteja mais de acordo com suas próprias normas de vida”. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 190). O valor da experiência está no impulso, e o estímulo do impulso é trabalhado pela atividade educativa. De acordo com Dewey (1985b, p. 147), a tarefa do professor consiste em: “conduzir uma experiência viva e pessoal”. Dessa forma, o professor não define a atividade viva antes do encontro com os alunos em sala de aula, mas estimula o impulso para a experiência de construção de conhecimento mútuo. “Para a ergologia: educar é compartilhar. Para Freire: “Ninguém educa o outro, ninguém se educa sozinho, os homens se educam conjuntamente por intermédio do mundo”. (SCHWARTZ, 2014, p. 109). A teoria sobre o movimento relacional da experiência na educação é a principal base para o desenvolvimento desta investigação.

Buscamos, através de uma entrevista com uma professora de filosofia do Colégio Glória em Carazinho, no interior do Rio Grande do Sul/BR, colocar em questão o testemunho da atividade educacional no período pandêmico no Brasil. A ergologia possibilita campo da expressão a todos os envolvidos na atividade laboral, e dá importância a todos os operantes no trabalho, assim como dá voz a todos os componentes sociais porque a cultura, a identidade e as ações sociais só existem pelas relações interiores e exteriores aos sujeitos. As palavras, os campos, os ambientes, o movimento, tudo que constitui a atividade e que constitui também a disciplina interdisciplinar como teoria e testemunho de todos os envolvidos.

Compreende-se que todo o trabalho e todos os sujeitos envolvidos nessa ação de produção são importantes, pois sem eles a produção não aconteceria. “A dimensão cognitiva da linguagem designa o fato de que falar, pôr em palavras, serve também para pensar, organizar e tornar inteligível, por si e pelos outros, nossos conhecimentos”⁸ (BOUTET; GARDIN, 1998, p. 103). A linguagem é que permite acessar ao verdadeiro objeto de pesquisa ergológica.

O discurso, quando posto em palavras e em análise, é investido de poderes e intencionalidades, lembrando da *Ordem do discurso* (1970), quando Michel Foucault (1926-1984) diz: “Escuta de um discurso que é investido pelo desejo, e que se crê – para sua maior exaltação ou maior angústia – carregado de terríveis poderes”. (FOUCAULT, 2012, p. 13). Quando se tem consciência e se leva em conta o mundo de saberes e valores que existem na atividade amplia-se, intensifica-se e modifica-se as relações sociais e laborais, faz-se uso de si de diferentes formas. Nesse processo de identificação e debate de normas que podem resultar modificações, o movimento inspirado é uma maneira de arriscar: “As normas não antecipam tudo. Então, trabalhar é arriscar, fazer “uso de si” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 191).

Assim, através do testemunho da professora, buscaremos compreender pela linguagem que faz a interpretação da ação da atividade, linguagem *sobre* o trabalho, e, do código complexo que constitui a experiência, linguagem *no* trabalho (NOUROUDINE, 2002). Desse modo, poderemos entender a *renormalização* que considera a atividade prescrita atualizada pelo eu laboral (subjeto) na execução da ação, interpretada no uso do *corpo-si* - conceito desenvolvido por Schwartz (2014), que se refere ao *eu laboral*, o sujeito e toda sua complexidade em atividade. E ainda assimilar a *renormatização* das atividades da instituição, reformulação das normas já estabelecidas mediante o *ergoengajamento* revelado pelos professores e escola. Por essa via, o ergoengajamento manifestado parece, até então, resolver a grande questão da pesquisa na demonstração de como a educação é importante para a vida e para o desenvolvimento da sociedade brasileira, e mundial, em período pandêmico. Observaremos que, justamente pela surpresa da pandemia a professora e a escola em referência tiveram que se adaptar ao movimento de total novidade para continuar contribuindo com a vida em sociedade. Essas são questões que nos levam à próxima seção.

Metodologia: experiência e ergologia

Para um estudo ergológico do ambiente laboral, podemos compreender a vida e a composição desse universo por tudo aquilo que o faz viver, com todos aqueles que fazem

⁸ “La dimension cognitive du langage désigne le fait que parler, mettre en mots, sert aussi à penser, à organiser et rendre intelligible, pour soi et pour autrui, nos connaissances.” (BOUTET; GARDIN, 1998, p. 103).

das relações a vivacidade do contexto social. A disciplina ergológica critica a abordagem do trabalho apenas como execução da norma prescrita, mas considera o movimento real do trabalho prescrito em atividade. Levando em consideração toda a complexidade viva do testemunho que pretendemos explorar – o testemunho da professora de filosofia de ensino fundamental e médio em tempos pandêmicos no Brasil – o roteiro metodológico deste ensaio segue as observações de Cléber Cristiano Prodanov e Ernani César de Freitas (2013); dessa forma, o método é dialético, a pesquisa é aplicada, do tipo exploratória e descritiva; os procedimentos são técnicos, bibliográficos, documentais, e a abordagem é qualitativa. O corpus refere-se à análise da entrevista com a professora de filosofia em Carazinho, Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, que foi dada em conversa escrita via *Facebook*, plataforma online escolhida devido ao momento pandêmico que vivemos, no dia 21 de junho de 2021. O convite feito apenas à uma professora refere-se ao tamanho da pesquisa que pretende anunciar e dar visibilidade à problemática da experiência da educação em pandemia mundial. Assim, cumprindo com os protocolos de segurança conversamos remotamente sobre as atividades prescritas à professora, como tais atividades são executadas na prática e como a professora veem atuando e sentindo a diferença nas aulas online e na volta das aulas presencias, tanto em seu trabalho quanto no desempenho dos alunos. Durante nossa breve conversa, chegamos na especificidade das dramáticas da atividade, dos riscos da mesma devido à pandemia da Covid-19, assim como, os riscos para com a comunidade na perda da experiência da educação.

Partimos do pressuposto de Dewey de que a educação é um método que se constrói no encontro, sem determinismos. “Nenhum método tem valor a não ser o método que dirige o espírito para sua crescente evolução e progressivo conhecimento” (DEWEY, 1985b, p. 140). Com isso, para o método dialético em desenvolvimento ergológico, que pretende a construção de conhecimento sobre a atividade laboral educativa, entende-se que: “O verdadeiro desenvolvimento é um desenvolvimento *da experiência* pela experiência” (DEWEY, 1985b, p. 145). Em outras palavras, a configuração da atividade laboral, como toda a atividade humana, é composta por uma complexidade viva, não há como pré-determinar as relações do que é vivo.

Ora, é impossível porque toda a configuração da atividade humana, e notoriamente a de trabalho, é sempre, certamente, um desenrolar de protocolo normalizado, mas também um encontro. Para ser mais preciso, no inaparente (principalmente para os olhares apressados), ela é um *encontro de encontros* [...] (SCHWARTZ, 2011, p. 137, 138).

Falar sobre a atividade laboral é debater normas e como elas acontecem na esfera do real, na esfera dos encontros e da experiência. Chamando atenção a Philippe Zarifian (2015),

a comunicação e intercompreensão na experiência da atividade cooperativa, nesse caso da escola, professores, alunos e pais, se dá nas formas linguageiras em um processo todo conjunto como nas conversas pessoalmente e online. O fato é que, a forma empírica do diálogo é uma ligação da cooperação com a intercompreensão onde os sujeitos subjetivos colocam suas visões, seus saberes, suas experiências, suas potencialidades, seus defeitos, para que a ação de comunicação faça sentido para si e para o outro, ou seja, conhecimento para si e para o outro, com abertura para comum através da importância subjetiva de cada sujeito. Importa aqui todo o tempo de troca, toda a experiência subjetiva e plural, todas as discussões, abstrações, desafios comuns que ativam todo um conjunto de seres para (re)modificar, (re)ajustar e (re)criar a atividade laboral.

Destaca-se também que, para o presente método dialético ergológico, o empirismo da experiência é considerado imanente ao mundo, a linguagem estudada tem como característica o impulso formador e não transcendente. “Portanto, a experiência avança para dentro da natureza; tem profundidade. É também dotada de largura indefinidamente elástica. Estira-se. Esse estirar-se constitui a inferência”. (DEWEY, 1985a, p. 5). O movimento de estudo científico é também um impulso, e a ergologia novamente parece recordar Rousseau, agora no *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1762).

Grande e belo espetáculo é ver o homem sair, por assim dizer, do nada por seus próprios esforços; dissipar, com as luzes da razão, as trevas em que a natureza o envolvera; elevar-se acima de si mesmo; lançar-se pelo espírito até as regiões celestiais; percorrer a passo de gigante, assim como o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é inda maior e mais difícil, voltar-se para dentro de si mesmo, a fim de ali estudar o homem e conhecer a sua natureza, seus deveres e seu fim (ROUSSEAU, 2010, p. 21).

Inspirados nesse profundo movimento reflexivo, nos encaminhamos à exploração da análise. A entrevista da professora de filosofia que analisaremos tem como principal argumentação o incentivo de seu projeto pedagógico: “Movimento para o bem”, o qual, em apresentação, consiste na construção de uma comunidade investigativa com os alunos. A questão é que, tanto a professora quanto a escola foram surpreendidas no período pandêmico e tiveram que operar grandes mudanças pelo engajamento de toda a instituição e comunidade para que não houvesse desistência da educação. Como dispositivo de análise do corpus da pesquisa, em um método dialético que dialoga com o pensamento de Dewey (1985a, 1985b), da experiência pela experiência para a compreensão da realidade que está sempre em movimento, buscamos compreender o movimento da atividade laboral educativa em tempos atuais com o intuito de fundamentar a defesa de que nada pode pré-determinar a atividade viva. Assim, partiremos da compreensão da linguagem que se apresenta na entrevista para

compreender o movimento vivo do *ergoengajamento* (SCHWARTZ, 2011, 2010) apresentado nos usos do *corpo-si* (SCHWARTZ, 2014; SCHWARTZ, DURRIVE, 2010), e na *renormatização* (SCHWARTZ, 2011) da instituição escolar. Buscaremos colocar em lugar de fala o testemunho da professora que manifesta os desafios encontrados na atividade em pandemia e o ergoengajamento da escola pela defesa do papel fundamental da educação nesse momento histórico.

Experiência em análise

A entrevista na íntegra encontra-se em apêndice, destacamos aqui, inicialmente, a linguagem que entramos em contato. Através dos estudos de Nouroudine (2002), a relação da linguagem com o trabalho pode ser desenvolvida por três diferentes práticas linguageiras: 1. Linguagem *como* trabalho, ou seja, quando “[...] a linguagem é ela própria trabalho, isto é, funciona como parte legitimada da atividade” (NOUROUDINE, 2002, p.21); 2. Linguagem *no* trabalho “[...] uma das realidades constitutivas da situação de trabalho global na qual se desenrola a atividade” (NOUROUDINE, 2002, p. 22); 3) Linguagem *sobre* o trabalho, linguagem que se refere aos questionamentos sobre “[...] “quem fala?”, “de onde ele/ela fala?”, “quando ele/ela fala?” (NOUROUDINE, 2002, p. 26). Consideramos na entrevista a linguagem *sobre* o trabalho, por ser uma linguagem que *interpreta* a ação, que fala sobre a ação da atividade, e, também, a linguagem *no* trabalho por tratar da rede complexa que constitui a ação da atividade. A professora fala sobre suas atividades e como elas acontecem de fato. O que nos leva a pensar, primeiramente, em saber como são prescritas as atividades para a professora e como ela as executa na ação:

— Bom, sou professora de filosofia e fico com as aulas de um período por semana nas séries 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e 1º e 2º do ensino médio, presenciais e concomitante online. Além das aulas devo conectar sempre o *Clipe escola* (aplicativo de interação), todos os dias, onde tem os recados dos pais dos alunos e entre nós professores e diretores. Devo postar os planos de aula semanalmente no aplicativo *Portal*, onde também posto as notas das atividades avaliativas. Durante as aulas uso o aplicativo *Plural* onde abro as salas e lá posto as atividades as quais os alunos devem me retornar. Devo acompanhar reuniões de pais e professor e eventuais problemas de cada aluno e família, o que tem se tornado muito frequente em tempos de pandemia. Também devo bater o ponto de entrada e saída com o aplicativo *MeuRH*.

— Muito interessante, professora. E como todo esse trabalho prescrito acontece na prática?

— Apesar da exaustão em acompanhar vários aplicativos e postagens ao mesmo tempo, as aulas tem funcionado em questão de conteúdo filosófico. Pois, das matérias regulares meus alunos estão todos atrasados. O que se torna evidente na produção de texto, por exemplo.

A professora explica que, com a pandemia, a atividade laboral educativa tornou-se mais cansativa e a atividade prescrita parece ter mais funções do que anteriormente por adicionar

na sua função o formato online de aplicativos e de aulas. Entretanto, também observamos que as dramáticas desse período pandêmico e da mudança do formato das aulas começa a parecer na exaustão dos profissionais da educação e no desenvolvimento dos alunos. A situação pandêmica reflete tanto na complexidade constitutiva - linguagem *no* trabalho, “língua-gem circundante” (NOUROUDINE, 2002, p. 26) -, quanto no espelho da ação constitutiva - linguagem *sobre* o trabalho, “língua-gem que interpreta”. (NOUROUDINE, 2002, p. 26). Podemos referir essas dramáticas como tensões entre os saberes constituídos (acadêmicos) e os saberes investidos (experiência) na esfera dos profissionais:

— Sobre as interações com os alunos, tem sentido grande diferença nas cenas das aulas presenciais e das aulas online?

— Totalmente. As aulas presenciais são sempre muito melhores em aproveitamento, já as online costumam ser mais cansativas não só para o aluno como para o professor. Na maioria das vezes encontram-se alunos desmotivados que não interagem e que demandam um esforço maior de exposição do professor. Apesar de tudo isso, o recurso das aulas online tem sido de extrema importância, pois faz com que os alunos mesmo não tendo um aproveitamento excelente permaneçam ligados à escola e à rotina diária. Acredito que hoje a interação e a preocupação com o estado emocional dos alunos seja mais importante e mais acessível tanto em questão do uso das ferramentas de rede quanto da interação com os pais, porque os pais conseguem ter um acompanhamento mais ampliado de acesso aos planos de aulas e às atividades propostas pelo professor.

A interação pela internet permitiu que a escola não deixasse de fazer parte do funcionamento da sociedade em pandemia e reafirmou a importância da educação para assegurar a saúde dos indivíduos como um todo.

Esse conflito, caracterizado entre os saberes é dialético e coloca as normas antecedentes em contato com as *renormalizações* (SCHWARTZ, 2011, p. 141) aplicadas pelo *corpo-si* (SCHWARTZ, 2014; SCHWARTZ, DURRIVE, 2010) - pela professora na atividade laboral -, e também com as *renormatizações* (SCHWARTZ, 2011, p. 141) da escola com o retorno das aulas presenciais que são dadas concomitantemente online. “O “corpo-si”, árbitro no mais íntimo da atividade, não é um “sujeito” delimitado, definido, mas uma entidade enigmática que resiste às tentativas de ser objetivado”. (SCHWARTZ, DURRIVE, 2010, p.196). Essa dialética presente na experiência do encontro com o momento presente amplia e propicia mudanças nas relações internas e externas entre todos os sujeitos que compõe essa comunidade. Faz-se uso de si de uma nova forma, como ocorreu na necessária atualização da atuação por parte da professora em dar aula. Como uma reinstrução das normas antecedentes que se modificam, se redesenham em coletividade e cooperação, e o que também não se distanciam de um direito e de mudanças legais, como foi o caso da renormatização da escola. “Normalizar quando há um vazio de normas, renormatizar quando é preciso ajustar ou não respeitar determinada esfera de normas antecedentes supõe que os protagonistas das escolhas dialoguem, explícita ou implicitamente, com um universo de valores já estabelecidos”. (SCHWARTZ, 2011, p. 141).

Mas, além da dramática do conflito entre os saberes antigos e os novos saberes, a professora chama atenção ao medo que a pandemia traz na atividade real. A importância da comunicação para os saberes científicos presentes apreende-se na atenção do movimento dos saberes. O movimento da atividade laboral contemporânea não precisa perder a qualidade e o desenvolvimento das especificidades para conseguir atingir limites não determinados. Em tempos pandêmicos a escola Glória pareceu preocupada em atender as necessidades do momento presente. No lugar de desistir da educação por dificuldades, falta de recursos, grandes riscos de vida, o que seriam motivos suficientemente grandes para optar pela desistência, pensaram no agir coletivo. Colocaram em questão que o período de medo e dificuldades está para si como está para todos. Dialogaram com o exterior e abriram-se para a modificação interna e externa. A escola se une como equipe e com a comunidade para demonstrar a importância da ciência nesse momento tão doloroso que a população mundial vive.

— E quais os riscos que os alunos, os professores e toda a comunidade escolar correm em pandemia?

— São inúmeros riscos. De saúde física até e talvez mais ainda os de saúde mental. O medo habita a vida de todas essas pessoas envolvidas na escola e em todos os momentos. Tem-se o medo de contaminar os nossos queridos, tem-se o medo de ser contaminado, e os professores também tem muito medo do que pode causar o abandono desses alunos. Os professores têm feito de tudo para que os alunos não desistam da escola, e não desistam de buscar seus sonhos, mesmo que suas realidades familiares sejam difíceis, dolorosas e muitas vezes acompanhadas por graves perdas.

— Então a dramática na escola estende-se por todos, porém, todos os membros da escola lutam pelo conhecimento?

— Sim, estamos todos unidos no momento de crise histórica do conhecimento e da pesquisa. Estamos tentando mostrar e provar a todo o custo para pais, alunos e familiares a importância da ciência e seu impacto para vidas melhores. Gostaria de salientar a dedicação das irmãs que tem acompanhado incessantemente reuniões e modificações numa reformulação do ensino escolar e do funcionamento da escola. Todas estão empenhadas a aprender esse novo sistema que caiu de paraquedas no processo de formação delas. Ficaria feliz se inspirasse mais pessoas com o lema de meu projeto político pedagógico que é: o movimento para o bem! Esse movimento acompanha o lema das irmãs, que é paz e bem!

Reafirmando um fragmento da fala da professora: “Sim, estamos todos unidos no momento de crise histórica do conhecimento e da pesquisa [...] Todas estão empenhadas a aprender esse novo sistema que caiu de paraquedas no processo de formação delas”, a comunidade, os professores, a equipe escolar, os alunos, todos demonstraram, através do testemunho da professora, interesse em investir na educação. Mesmo que desafiando novos recursos, aumentando sua capacidade de trabalho, arriscando suas vidas, sentindo medo, pensam que o menos ariscado ainda é investir na educação depois de a política brasileira ter desafiado a ciência e o próprio vírus, isso mais parece uma aspiração de ergoengajamento.

Então, sem dúvida, o ergoengajamento deve militar para que, segundo as formas, os objetivos e as temporalidades as mais diversas, se desenvolvam os regimes para pensar que se percebe organizar-se segundo três polos. O objetivo é incitar aqueles que vivem e trabalham a pôr em palavras um ponto de vista sobre sua atividade, a fim de torná-la comunicável e submetê-la à confrontação de saberes (SCHWARTZ, 2011, p. 162).

Vejamos, a escola e os professores atualizaram suas formas de atuação pelo objetivo comum de convidar os jovens a refletirem sobre o momento presente. É que o compartilhamento de suas vivências e da experiência escolar é fundamental para o desenvolvimento da sua própria comunidade, assim como, de si mesmo, do seu país e do mundo. Consideramos essa manifestação como um ergoengajamento, porque organizou-se livremente na atualização do formato, modificando-se pelo comum objetivo referente ao tempo que se vive, construindo em equipe novos saberes e acompanhando o movimento da vida e da educação. Portanto, os conceitos de *renormalização* e *renormatização* (SCHWARTZ, 2011) apresentam-se em relação recíproca, uma vez que são interdependentes na sua execução. Como observamos no projeto pedagógico da professora, um ergoengajamento localizado nesse *movimento para o bem*.

Nesse breve ensaio ergológico que se propôs abrir espaço e lugar de fala para uma professora de filosofia em tempos de pandemia em escola brasileira, entramos em contato com um universo de resultados intrigantes que nos invadem de esperanças. Nossa análise observa o movimento como o principal encontro da experiência de pesquisa. Recapitulemos nossas principais descobertas: a linguagem do testemunho *no e sobre* o trabalho (NOUROUDINE, 2002), abriu campo para investigarmos os usos do *corpo-si* (SCHWARTZ, 2014; SCHWARTZ, DURRIVE, 2010) da professora em *renormalizações* (SCHWARTZ, 2011) que, demonstrando o conflito entre os saberes constituídos (acadêmicos) e os saberes investidos (experiência), foram apoiados pelo *ergoengajamento* (BOUTET, GARDIN, 1998; SCHWARTZ, 2011) de toda a comunidade escolar em *renormatizar* suas atividades pelo objetivo do não abandono da educação. A passagem de recolha de dados pela entrevista através do método dialético fundamentou a defesa de que nada pode pré-determinar a atividade viva. “Vida denota uma função, uma atividade compreensiva, em que organismo e ambiência acham-se incluídos”. (DEWEY, 1985a, p.10). Toda a formação dos professores foi surpreendida pela mudança total do formato das aulas e o acompanhamento dessa mudança demonstra que os saberes têm como característica o movimento. Os saberes que se constituem como normas deixam de ser saberes, a experiência é sempre a construção de um conhecimento novo, que se destrói e se constrói incessantemente.

O desenvolvimento de relações de ergoengajamento são formas positivas de ações cooperativas, democráticas, que visam a comunicação em um desafio comum que colocam os

profissionais em movimento e transformações interna e externa nas relações laborais e sociais. Nessa relação comunicativa, forma-se um conjunto de diferentes competências e na prática profissional os sujeitos se reinserem no ceio de sua própria profissão e aprofundam os saberes. A forma de cooperação entre os profissionais da educação e a comunidade apontam para um desenvolvimento grandioso e amplia as relações laboriosas que atuam na compreensão da pluralidade do mundo. Como afirma Souza-e-Silva (2002), a atividade do trabalho está conectada com as transformações sociais, e, o retrabalho das normas é também um fato social. A ergologia tem papel fundamental no sistema produtivo e relacional da atividade laboral por não permitir que a mesma abdique de seu movimento. O movimento constante e infinito na produção de novos saberes na atividade educacional e o ergoengajamento na escola, em prol da educação e da ciência fortemente anunciados, contudo, são os principais resultados dessa análise da diversidade das experiências.

Considerações finais

Antes de concluir este estudo, retomemos algumas informações que nos levaram a percorrer esse caminho. Tivemos como principal tema a fala de uma professora de filosofia de escola em período pandêmico no Brasil. A pesquisa não buscou resolver a problemática da educação nesse momento delicado que a população mundial vive, mas delimitou como principal objetivo compreender e debater sobre o testemunho da experiência em educação na pandemia através da entrevista com uma professora no interior do Rio Grande do Sul. Afinal, qual a importância do ergoengajamento na experiência da educação para esse mundo em que estamos agora? O que aconteceria com a população mundial maximamente distanciada da ciência e da educação nesse período? São questões profundas que merecem atenção.

Pensamos que essa pesquisa é apenas o início de um debate científico que merece ser melhor explorado. Entretanto, mesmo como essa breve investigação, foi possível acessar, através da linguagem *sobre e no* trabalho, os conflitos entre os saberes e normas antigas, e, os novos saberes com a necessidade de retrabalhar as normas antecedentes e adaptar o ensino. Também sentimos o medo que assola toda o mundo através da pequena comunidade do interior do Brasil, porém notamos que a escola se uniu como equipe de ação social para não desistir da educação, apoiar e despertar nos jovens a experiência dos encontros que a pesquisa e a ciência podem proporcionar. Cumprindo, assim, com os protocolos de distanciamento social em aulas online, *renormalizou-se* a atividade dos professores que nos usos do *corpo-si* aprenderam um novo sistema que se desenvolve. A escola atendeu as urgentes necessidades e *renormatizou* todo um grande sistema de normas estabelecidas, na volta das aulas presenciais,

concomitantemente online, que ainda está em adaptação para aproveitamento escolar. Entendemos esse processo como uma manifestação de *ergoengajamento* que ilumina em tempos sombrios.

Existiram limitações na pesquisa em relação ao tamanho da breve entrevista, pelo assunto abordado teríamos mais questões a fazer, porém pelo formato de um ensaio, pensamos que é suficiente para inspirar novas pesquisas. Em relação ao conteúdo da entrevista, encontramos limitações no aproveitamento ainda desregular das disciplinas pelos alunos, porém parece só incentivar novas mudanças e ampliações das relações e contribuições científicas que a escola demonstra estar em busca e aberta para todo esse novo universo. As limitações da pesquisa e as limitações da própria escola ainda acompanham a experiência de todos os dias, mas isso é apenas o começo de uma grande transformação.

Dewey já se preocupava com escassez da experiência no ensino infantil, preocupava-se, além disso, com a separação das disciplinas. Hoje, a educação se preocupa com a própria existência. A atividade laboral contemporânea nunca foi tão inimaginável quanto no mundo pandêmico, mas nesse mundo brasileiro que luta pela sobrevivência usa de sua primeira arma, a educação. O que interfere até na intenção de nós pesquisadores, que gostaríamos apenas de colocar em questão a fala da professora, e que fomos invadidos de esperanças. Que essa luta manifestada pela instituição Glória, no interior do Rio Grande do Sul, tome o Brasil por completo e faça as pazes com o mundo. A ciência, a educação, o impulso, a experiência e o movimento voltam novamente aos nossos pensamentos.

ESSAY FOR ERGOLOGICAL RESEARCH: EXPERIENCE AND EDUCATION AT SCHOOL

ABSTRACT: We present as theme the speech of a philosophy teacher of school in pandemic times in Brazil. Delimiting research in not seeking to solve the problem of education, the objective in this work call into question the testimony of the experience in education in the pandemic. In the theoretical composition we will use John Dewey (1985) to substantiate the defense that nothing can pre-determine living activity. We seek in Abdallah Nouroudine (2002), Josiane Boutet and Bernard Gardin (1998), Yves Schwartz (2014, 2011, 2010) and Philippe Zarifian (2015) the identification of the testimony of language *in* and *on* work and the *(re)normalizations* interpreted in the *body-self* and the school, during the pandemic as a manifestation of *ergoengaging*. As a dialectical method, the research is applied, exploratory and descriptive, with bibliographic and documentary technical procedures and qualitative approach. The corpus corresponds to the testimony by which we will analyze and conclude beforehand that the educational experience and its living movement play a fundamental role in social transformations, as warned Maria Cecília Pérez de Souza e Silva (2002), and, that the *renormalizations* applied in the fight for not abandoning education in this historical moment understood as a cooperation in labor and scientific action.

KEY WORDS: Brazil; Education; Ergoengaging; Experience; Pandemic.

REFERÊNCIAS

- BOUTET, Josiane; GARDIN, Bernard. Une linguistique du travail. In: BORZEIX, A.; FRAENKEL, B. (Coord.) *Langage et Travail: communication, cognition, action*. Paris: CNRS Editions, p. 89-111. 1998.
- DEWEY, John. Experiência e natureza. In: *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. Coleção Os Pensadores. Traduções de Murilo Otávio Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leonidas Gontijo de Carvalho. – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural. 1985a.
- DEWEY, John. Vida e educação. In: *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. Coleção Os Pensadores. Traduções de Murilo Otávio Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leonidas Gontijo de Carvalho. – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural. 1985b.
- FICHTE, Johann Gottlieb. *Da capacidade linguística e da origem da linguagem*. Organização, tradução, notas e posfácio de Ricardo Barbosa. – São Paulo: Paulus. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyolla. 2012.
- GUÉRIN, François. Trabalho, tarefa, atividade. In: _____. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Blucher: Fundação Vanzolini, p. 7-46. 2001.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.
- NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-ESILVA, M.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, p. 17-30. 2002.
- PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale. 2013.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes: discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Martin Claret. 2010.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. Tradução Ana Resende. – São Paulo: Martin Claret. 2013.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: Ed. UFF. 2010b.
- SCHWARTZ, Yves. Manifesto por um engajamento. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, p. 132- 166. 2011.
- SCHWARTZ, Yves. *Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência*. Letras De Hoje. 2014.
- SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M.; FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, p. 61-76. 2002.

ZARIFIAN, Philippe. Intercompréhension et coopération dans le travail. In: ZARIFIAN, Philippe *Le travail et la compétence: entre puissance et contrôle*. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, p. 53-62. 2015.

APÊNDICE

Movimento para o bem⁹

Para uma breve introdução, a presente entrevista escrita foi realizada via *Facebook* com uma professora de filosofia da rede das Irmãs Franciscanas da Congregação de Bonladen do Colégio Glória em Carazinho no interior do Rio Grande do Sul, Brasil.

Entrevistadora – Professora, primeiramente, obrigada por aceitar o convite de compartilhar suas experiências no ensino fundamental e médio para motivos deste trabalho. Para iniciar, gostaria de saber quais são as atividades prescritas pela escola?

— Bom, sou professora de filosofia e fico com as aulas de um período por semana nas séries 7º, 8º e 9º do ensino fundamental e 1º e 2º do ensino médio, presenciais e concomitante online. Além das aulas devo conectar sempre o *Clípe escola* (aplicativo de interação), todos os dias, onde tem os recados dos pais dos alunos e entre nós professores e diretores. Devo postar os planos de aula semanalmente no aplicativo *Portal*, onde também posto as notas das atividades avaliativas. Durante as aulas uso o aplicativo *Plural* onde abro as salas e lá posto as atividades as quais os alunos devem me retornar. Devo acompanhar reuniões de pais e professor e eventuais problemas de cada aluno e família, o que tem se tornado muito frequente em tempos de pandemia. Também devo bater o ponto de entrada e saída com o aplicativo *MenRH*.

— Muito interessante, professora. E como todo esse trabalho prescrito acontece na prática?

— Apesar da exaustão em acompanhar vários aplicativos e postagens ao mesmo tempo, as aulas tem funcionado em questão de conteúdo filosófico. Pois, das matérias regulares meus alunos estão todos atrasados. O que se torna evidente na produção de texto, por exemplo.

— Sobre as interações com os alunos, tem sentido grande diferença nas cenas das aulas presenciais e das aulas online?

— Totalmente. As aulas presenciais são sempre muito melhores em aproveitamento, já as online costumam ser mais cansativas não só para o aluno como para o professor. Na maioria das vezes encontram-se alunos desmotivados que não interagem e que demandam um esforço maior de exposição do professor. Apesar de tudo isso, o recurso das aulas online tem sido de extrema importância, pois faz com que os alunos mesmo não tendo um aproveitamento excelente permaneçam ligados à escola e à rotina diária. Acredito que hoje a interação e a preocupação com o estado emocional dos alunos seja mais importante e mais acessível tanto em questão do uso das ferramentas de rede quanto da interação com os pais, porque os pais conseguem ter um acompanhamento mais ampliado de acesso aos planos de aulas e às atividades propostas pelo professor.

⁹ Título da entrevista e título do projeto político pedagógico desenvolvido pela professora especialmente para o período de pandemia.

A interação pela internet permitiu que a escola não deixasse de fazer parte do funcionamento da sociedade em pandemia e reafirmou a importância da educação para assegurar a saúde dos indivíduos como um todo.

— E quais os riscos que os alunos, os professores e toda a comunidade escolar correm em pandemia?

— São inúmeros riscos. De saúde física até e talvez mais ainda os de saúde mental. O medo habita a vida de todas essas pessoas envolvidas na escola e em todos os momentos. Tem-se o medo de contaminar os nossos queridos, tem-se o medo de ser contaminado, e os professores também tem muito medo do que pode causar o abandono desses alunos. Os professores têm feito de tudo para que os alunos não desistam da escola, e não desistam de buscar seus sonhos, mesmo que suas realidades familiares sejam difíceis, dolorosas e muitas vezes acompanhadas por graves perdas.

— Então a dramática na escola estende-se por todos, porém, todos os membros da escola lutam pelo conhecimento?

— Sim, estamos todos unidos no momento de crise histórica do conhecimento e da pesquisa. Estamos tentando mostrar e provar a todo o custo para pais, alunos e familiares a importância da ciência e seu impacto para vidas melhores. Gostaria de salientar a dedicação das irmãs que tem acompanhado incessantemente reuniões e modificações numa reformulação do ensino escolar e do funcionamento da escola. Todas estão empenhadas a aprender esse novo sistema que caiu de paraquedas no processo de formação delas. Ficaria feliz se inspirasse mais pessoas com o lema de meu projeto político pedagógico que é: o movimento para o bem! Esse movimento acompanha o lema das irmãs, que é paz e bem!

— Muito obrigada pela inspiradora participação!

Recebido em: 10/11/2022.

Aprovado em: 13/04/2023.